

## **INDICADORES DE TENDÊNCIA CIMILHO (94)**

### **Admirável mundo novo do milho na China**

**Rubens Augusto de Miranda**

*Pesquisador da área de Economia Agrícola da Embrapa Milho e Sorgo*

A despeito de a China ser o segundo maior produtor de milho no mundo e com a produção crescendo de forma acentuada, há anos se espera que o país se torne um comprador mais relevante no mercado internacional desse cereal. A principal razão desta crença se deve à demanda crescente por proteína animal num país de população com proporções continentais que cresce em números e renda.

Dentre as razões para a prorrogação deste “futuro iminente” que nunca chegava, normalmente se apontava para as cotas de importação de milho, estabelecidas na ocasião do ingresso da China na OMC, que encarecia a aquisição do cereal, e o fato de o crescimento da produção acompanhar o aumento do consumo. Os dados levantados pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) apontavam uma situação muito confortável do abastecimento de milho no mercado chinês, com os estoques representando quase 50% do consumo doméstico e proporção equivalente dos estoques mundiais.

O quadro se modificou em 2016, quando o governo chinês concedeu autorização para algumas empresas exportarem milho. Ou seja, além de não comprar, o país passaria a vender milho. A justificativa não oficial para tais exportações seria escoar grãos estocados deteriorados e com má qualidade para países do sudeste asiático. Na ocasião, o USDA estimava os estoques chineses na ordem de 100 milhões de toneladas de milho estocadas, mas dados extraoficiais apontavam que o país poderia ter entre 200 e 250 milhões.

Concomitante à política de venda do milho chinês, os estoques do país passaram a reduzir anualmente, pelas estimativas do USDA. Assim, os estoques estimados em 100,7 milhões de toneladas na safra 2016/17 caíram para 79,55 milhões e 58,60 milhões nas duas safras seguintes, segundo relatório mensal do USDA de outubro de 2018. Entretanto, os relatórios do USDA apontavam que a redução dos estoques chineses de milho não decorria da demanda

externa (exportações), mas do consumo doméstico superior à produção.

As quedas abruptas nas estimativas dos estoques de milho na China levantavam questionamentos sobre a política futura em relação ao cereal, pois a segurança alimentar sempre foi um tema sensível ao país, com quase 1 bilhão e 400 milhões de habitantes. Contudo, o relatório mensal do USDA relativo a “Estimativas Mundiais de Oferta e Demanda Agrícola”, do mês de novembro, apresentou uma revisão das estimativas do milho para a China, jogando água fria nas especulações e nos apresentando um novo quadro.

O Departamento Nacional de Estatística (DNE) da China não publica estimativas de estoque e consumo de milho. Portanto, as estimativas do USDA são baseadas nos dados oficiais de produção de milho disponibilizados pelo DNE e nas informações de comércio divulgadas pela alfândega do país.

Acontece que o governo chinês realizou uma revisão sem precedentes das suas estimativas, constatando erros na avaliação da produção anual entre 30 e 45 milhões de toneladas nos últimos anos. Entre 2007/08 e 2018/19, a soma das revisões da produção anual totaliza diferenças de 297 milhões de toneladas a mais no período. Ao contrário da diminuição dos estoques, que as estimativas antigas sugeriam, na realidade as reservas de milho estão confortavelmente no patamar de 200 milhões de toneladas (representando dois terços dos estoques mundiais). Enquanto antes se avaliavam os estoques de passagem da safra 2018/19 em 58,5 milhões de toneladas, com os novos dados a estimativa passa para 207,5 milhões de toneladas, uma diferença de 149 milhões de toneladas. Esta é outra realidade.

As novas informações vão de encontro com o que era discutido há anos de forma não oficial. Além de cessar as especulações sobre a potencial redução dos estoques a níveis perigosos, em razão do risco de desabastecimento, também coloca em xeque a possibilidade de a China se estabelecer como um dos maiores compradores de milho no mercado internacional nos próximos anos. Nesse ponto, o mercado deve se focar na ascensão do Egito, Irã e Vietnã, que de fato passarão a concorrer com Japão e México pelo *status* de maior importador mundial de milho.